

A  
VINDA  
DE JESUS

# Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Julho de 1992



## NESTE NÚMERO

- 2 Promessa Antiga**  
Por Maria Sales
- 3 Despedida**  
Por J. Morgado
- 4 A Vinda de Jesus**  
Por J. Morgado
- 5 «Aguardando a Bem-Aventurada Esperança»**  
Por Pedro Brito Ribeiro
- 7 Como virá Jesus?**  
Por M. N. Cordeiro
- 9 No Apogeu da Evangelização**  
Por Fernando Ferreira
- 10 Para onde vamos?**  
Por José M. de Matos
- 12 Que pessoas vos convém ser...?**  
Por Daniel Esteves
- 13 Aguardando e apressando a volta do Senhor**  
Por A. Nunes
- 14 «Eis-me aqui, com os filhos que me deu o Senhor»**  
Por Gustavo Samuel Grave
- 15 O Segundo Advento de Cristo ao longo da História**  
Por Daniel Simões da Silva
- 18 Proseletismo no Tempo Actual: um Desafio**  
Por Manuel Garrido
- 19 Apertem o Cinto: Missão Global está em marcha!**  
Por Robert Folkenberg

## PENSAMENTO DO MÊS

«Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus.»

*Amós 4:12*

# Promessa Antiga

Promessa antiga de milhares de anos  
diz-me que em breve vais voltar  
e, quando menos eu esperar, Tu chegarás!

Por toda a parte vejo os sinais  
que anunciam o alvorecer de Amor e Paz!  
Ao olhar o mundo em que me agito,  
no proclamar dessa promessa creio e medito...

A angústia e o medo assolam a terra!  
A guerra infame destrói as nações!  
Sofrimento e dor são o legado do homem  
a quem chamam refugiado  
e que percorre o mundo em busca de paz!  
De paz e de amor!  
Paz que se apregoa mas não se vislumbra  
neste mundo envolto em densa penumbra de ódio e rancor!  
Amor! Onde encontrá-lo? Como o descobrir?  
No olhar temeroso da criança que não entende a guerra?  
Na dor inconformada do ancião, solitário em sua velhice?  
Na revolta do jovem que não deixam viver?  
No coração dilacerado das mães?  
Na esperança perdida de um mundo melhor?

Não! Essa paz e esse amor não os desejo.

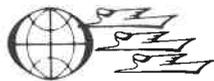
Reclamo promessa antiga de milhares de anos  
e Teu breve regressar.

Que nos umbrais da eternidade,  
Teu Reino de Amor e Paz venhas cumprir!  
Volta!

Não demores, Senhor!

**Maria Sales**  
Igreja de Almada

## Revista Adventista



**PUBLICAÇÃO MENSAL**  
Julho de 1992 — Ano L • N.º 544

**DIRECTOR:**  
J. Morgado

**REDACTORA:**  
M. R. Baptista

**PROPRIETÁRIA E EDITORA:**  
Publicadora Atlântico, S.A.

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**  
Rua Joaquim Bonifácio, 17  
1199 Lisboa Codex  
Telef. (01) 542169

**PREÇOS:**  
Assinatura Anual 950\$00  
Número Avulso 95\$00

**EXECUÇÃO GRÁFICA:**  
Santos & Costa, Lda.  
Vale Travelho • Pedreiras  
2480 Porto de Mós  
Telef. (044) 402413  
Fax: (044) 401575  
Depósito Legal n.º 2705/83



# Despedida

**A** hora da partida é sempre dolorosa! Mais dolorosa para quem vai do que para quem fica. Quem vai sentir-se-á deslocado de um ambiente em que se sentiu bem durante alguns anos.

No dia 5 de Julho de 1950, eu e a minha mulher embarcávamos em Lisboa, como missionários, para Cabo Verde. Não foi uma decisão fácil. Havíamos saído do Seminário de Portalegre e não tendo tido oportunidade de ir para Collonges, foi-nos dirigido esse chamado. Aceitá-lo significou para mim abandonar um lugar de empregado bancário e para minha mulher, o de enfermeira.

Em Cabo Verde (cidade da Praia), estive no primeiro ano como professor e no segundo como professor e evangelista. Em 1952 partimos para Angola (Nova Lisboa), onde durante um ano substituímos o Secretário-tesoureiro. Depois foi a passagem pelo Bongo, como professor, director da escola e director da Missão.

Em 1957 partimos para Moçambique, tendo o privilégio de atravessar a África de carro. Ali estivemos quatro anos em Munguluni, como director do Campo Missionário e mais tarde como tesoureiro da União e departamental. De Munguluni passámos para a Beira em 1961, e em 1963, para Lourenço Marques, também como secretário-tesoureiro.

Em 1965 voltámos a Angola, continuando a nossa actividade como pastor das igrejas de Catumbela, Lobito e Benguela, e fomos de novo para Nova Lisboa, como departamental e director dos campos missionários, até 1975, data em que regressámos a Portugal, fazendo parte do último grupo a deixar Angola.

Na União Portuguesa reiniciámos o nosso trabalho em Outubro de 1975, como departamental, e em 1979 como presidente da então As-

sociação Portuguesa, e de 1982 a 1992, como presidente da União.

Foi um longo caminho, que passou tão rapidamente! Tanta coisa que ficou por fazer! Quantas coisas que desejáramos ter feito melhor!

Neste momento, desejo agradecer a Deus as oportunidades que me deu de ter podido realizar variados e interessantes trabalhos a todos os níveis da União. Agradeço aos meus prezados colegas que em várias posições me deram sempre a sua leal colaboração. A actividade que se desenvolve dentro das múltiplas áreas da igreja é aliciante. Trabalhar com seres humanos é compensador.

Posso também recordar um período que se estendeu por algumas dezenas de anos e que diz respeito ao trabalho com os jovens, em Cabo Verde, em Angola, em Moçambique e em Portugal. Não posso esquecer esse exército da nossa juventude, que procurei ajudar nos acampamentos, nos congressos, nas entrevistas, nos cultos, etc., etc. Foi uma actividade que me apaixonou durante anos e da qual levo as melhores recordações. Hoje, ao ver nos territórios africanos alguns desses jovens como dirigentes, ao ver alguns nas igrejas da nossa União como pastores, anciãos, professores, colportores, obreiros nos escritórios, leigos lançados na vida em posições de liderança, dou graças a Deus pelo privilégio de ter trabalhado com eles e só lamento não ter podido fazer melhor.

Recordo os meus prezados colegas no ministério, uns, amigos de longa data, outros, mais novos, mas cujo companheirismo também não posso esquecer.

Recordo os irmãos e irmãs que nas igrejas permanecem realizando um trabalho para Deus, e neste momento quero dizer-lhes quanta alegria eu sentia quando os visitava. Durante

treze anos passei poucos sábados na igreja à qual pertenço, mas passei vários visitando igrejas e grupos do nosso campo. Pena tenho de não poder, pessoalmente, dar-lhes um abraço de amizade.

Às obreiras dos escritórios, com quem trabalhei ao longo dos anos, aqui deixo uma palavra de agradecimento, pois não posso esquecer a sua colaboração, a sua dedicação e a sua paciência.

Àqueles que nas escolas fazem o seu trabalho de evangelização, não quero ir sem lhes dizer um muito obrigado pela sua dedicação; aos colportores, quero animá-los a prosseguirem o seu árduo trabalho. Deus vos dará a vitória!

Ao longo destes quarenta e dois anos de actividade, falhei, talvez, na necessária assistência à minha família, à minha mulher Milca e aos meus filhos Paulo e Luísa. Durante muitos anos, participámos juntos em muitas actividades que pude realizar, principalmente com os jovens.

Talvez esta mensagem seja mais pessoal do que deveria ser, mas é a primeira vez que ocupo algumas linhas falando de mim e do trabalho que o Senhor permitiu que eu realizasse durante estes anos.

Continuarei colaborando, dentro das minhas possibilidades, pois isso é mesmo necessário para mim.

Combati, o melhor que pude e soube, o combate que me foi proposto. Cheguei ao fim de uma carreira que se prolongou por quarenta e dois anos, gerando no meu coração certezas que se foram solidificando ao longo dos anos e que alicerçam cada vez mais a certeza da Bem-aventurada Esperança.

**Joaquim Morgado**

Presidente Cessante da União Portuguesa

# A Vinda de Jesus

«O Senhor não retarda a Sua promessa...»

**A** pós a última reunião da Conferência Geral, um numeroso grupo viajou por alguns lugares relacionados com o começo da nossa igreja na América do Norte.

Foi interessante recordar o lugar, ou lugares, em que vários grupos de “adventistas” aguardaram, em Outubro de 1844, o “regresso do Senhor”. Que maravilhosa expectativa! No cemitério de “Batle Creek” há uma lápide que lembra alguém que faleceu poucos dias antes desse acontecimento.

Penso que esta mesma expectativa tem animado e alegrado a fé e o coração de milhares e milhares de crentes em todo o mundo.

Não nos devemos deixar apoderar por uma expectativa pessimista, porque o Senhor, no momento oportuno, cumprirá a Sua promessa: o Senhor virá, e não tardará!

Se examinarmos firmemente as passagens bíblicas, as profecias e as realidades dos nossos dias, seremos capazes de tirar lições que fortalecerão a nossa fé. Pensemos, por exemplo, no “desapontamento de 1844”, e à luz da verdade bíblica, veremos que não lhe podemos chamar desapontamento, mas sim “erro de interpretação”. Não sabemos o dia e a hora da Sua vinda, mas o Senhor virá, e não tardará!

Uma das condições indicadas por Jesus para a Sua vinda é que “este Evangelho do Reino” seja pregado em todo o mundo “a cada nação, tribo, língua e povo”. Certamente que os nossos irmãos naquela altura sabiam que “o Evangelho Eterno” estava simplesmente a ser pregado numa pequena área. E o resto do

país? A América do Sul, a África, a Europa, a Ásia, etc.?

Não havia então condições para que a “segunda vinda” pudesse ter lugar. Durante mais de um século, fomos vendo, a pouco e pouco, criarem-se as condições para que o Evangelho seja levado ao mundo. Neste momento elas estão reunidas e é chegado o momento de avançar. O plano evangelístico da **Missão Global** aponta para isso. Assim, tenhamos a certeza de que o Senhor “não retarda a Sua promessa, ainda que muitos a têm por tardia, mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se” (II Ped. 3:9). Ele há-de cumpri-la quando as condições indicadas na Sua palavra forem também cumpridas.

Como adventistas, é esta a certeza que deveríamos possuir e, animados por ela, continuar a nossa colaboração neste grande trabalho que o Senhor confiou à Sua igreja.

Os últimos acontecimentos que tiveram e estão tendo lugar na Europa, e noutras partes do mundo, dão-nos a certeza de que para o cumprimento do plano de Deus muita coisa mudou e mudará, mesmo que aos homens isso pareça impossível. A nossa constatação dessas realidades dá-nos a certeza de

que o Senhor tem poder para no momento oportuno cumprir o Seu plano.

Qual deve, pois, ser a nossa atitude para com essa certeza? Creio que, em primeiro lugar, deverá ser uma atitude de alegria: o cumprimento do plano do Senhor diz respeito a transformações que nos permitirão ter uma vida diferente. Leiamos o que nos diz Isaias: “Então os olhos dos cegos serão abertos, e os ouvidos dos surdos se abrirão. Então os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará; poque águas brotarão no deserto e ribeiros no ermo” (Isa. 35:4-6).

Não é possível, ao homem, realizar a mais pequena modificação no mundo em que habitamos. Vemos morrer os nossos familiares e amigos, sem podermos fazer nada por eles; vemos lares desfeitos, sem que possamos remediar as situações; vemos multiplicarem-se os focos de guerra, sem que o mundo nada possa fazer senão ir contando os mortos e os feridos. Assistimos, impotentes, a desastres onde homens, mulheres e crianças perdem a vida, etc, etc.

A alegre certeza que temos e que nos pode animar nestes anos de espera é de que o Senhor fará novas todas as coisas: “Porque eis que eu crio céus novos e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão. Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria e para o seu povo gozo. E folgarei em Jerusalém, e exultarei no meu povo; e nunca mais se ouvirá nela voz de choro nem voz de clamor ... Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a perturbação ... E será que antes que clame, eu responderei;



J. Morgado

estando eles ainda falando, eu os ouvirei” (Isa. 65:17-25).

Pensar num mundo perfeito, sem hospitais, sem prisões, sem doentes, sem paráliticos, sem criminosos, sem cadeiras eléctricas ou câmaras de gaz, sem crianças sofrendo — isso só pode ser para nós motivo de alegria e esperança, mas somente terá lugar quando o Senhor cumprir a promessa da Sua vinda!

Em segundo lugar, a certeza da vinda de Cristo deve dar-nos a serena esperança de que havemos de possuir um novo mundo, onde poderemos exercer actividades de estudo e de pesquisa, não por dever, mas com alegre disposição. E isso enche-nos também de alegria. Conhecer mais segredos que o homem não consegue alcançar, conhecer novos mundos, investigar sem limites, que belo e alegre futuro o Senhor nos reserva!

Quantos trabalhos de cientistas e de escritores ficaram incompletos pela fragilidade do ser humano, pela morte que nos atinge a todos?

Quantas promessas os homens ouviram ao longo dos anos, dum mundo novo, sem guerra, sem opressão, sem ódio. Mas onde está o cumprimento dessas promessas?

Em terceiro lugar, a certeza da vinda de Jesus significa que iremos ter o privilégio de conhecer homens e mulheres de todas as épocas, personagens bíblicas cujas biografias admiramos e, sobretudo, o nosso amável Salvador. Esse encontro será uma desilusão para aqueles que em Seu nome preparam um evangelho sem amor, sem paciência, sem alegria. Mas o crente, aquele que aguarda a Sua Vinda, irá constatar a outra faceta de Jesus que os Evangelhos revelam, mas que nós divulgamos menos: verá o Jesus humano, bondoso, perdoador, amigo. Eu só O consigo iámginar assim.

Este é o Senhor que eu aguardo. Este é o Senhor que eu quero ver, porque só Ele pode compreender as minhas falhas, os meus pecados, e Ele os perdoará!

Felizmente que não vou, nem quero ir, ao encontro dum ser humano, por mais perfeito e bondoso que seja, mas vou ao encontro do Rei dos reis, do Senhor dos senhores. E como diz um velho hino, “Eu aguardo, mui ansioso, meu Jesus aqui voltar”.

## «Aguardando a Bem-Aventurada Esperança»

*«Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, justa, e piamente. Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo.» — (Tito 2:11-13).*

**T**udo o que existe de doce e luminoso no mundo, toda a misericórdia, verdade e justiça, graça e esperança, sim, a própria vida, resume-se na gloriosa verdade de haver o Verbo dos Céus passado uma vez pela Terra. A Sua vinda trouxe ao homem a única esperança de um futuro feliz.

Através dos séculos, os patriarcas e profetas de Israel, na sua função de mensageiros de Deus, anunciaram ao mundo que aqui iriam ter lugar duas visitas: a primeira, em humildade e sofrimento; a segunda, com poder e grande glória. Em ambos os casos, a ênfase dada é sempre a mesma: “Ele vem!” E, quer no tempo, quer no espaço, o som amplia-se e, altissonantemente, o grito é sem a mínima dúvida: “Ele voltará!”

O profeta Ageu, que é, de certo modo, o porta-voz de todos os arautos do Velho Testamento, declarou: “Ainda uma vez e daqui a pouco, farei tremer os céus e a terra e o mar e a terra seca, e farei tremer todas as nações, e virá o Desejado de todas as nações” (Ageu 2:6, 7).

Em face dos ensinamentos do Antigo Testamento, que eles conheciam bem, mas, sobretudo, firmados nas certezas dadas pessoalmente pelo seu divino Mestre, os apóstolos acreditaram sem hesitar. Desceram do monte da Ascensão, voltaram para Jerusalém e su-

biram ao Cenáculo, soando-lhes ainda aos ouvidos, quais acordes repercutivos das antífonas celestiais, as vozes dos “varões vestidos de branco”: “Esse Jesus, que de entre vós foi recebido em cima, no céu, há-de vir, assim como para o céu o vistes ir” (Actos 1:11, 12).

Com o coração e a alma transbordando de entusiasmo e santa alegria, eles puseram-se a proclamar a boa nova de Deus ao mundo inteiro.

O apóstolo Paulo exprimiu a mesma certeza ao escrever a Tito: “A graça de Deus, fonte de salvação para todos os homens, ensina-nos a renunciar à impiedade, às concupiscências mundanas, e a viver no presente século com temperança, justiça e piedade, aguardando a bem-aventurada esperança e aparição gloriosa de nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo” (Tito 2:11-13, versão Crampon).

Com não menos certezas, o autor da espístola aos Hebreus condensou a Boa Nova em dois factos: “Como é um facto que os homens devem morrer uma só vez, depois do que vem um julgamento, do mesmo modo, Cristo foi oferecido uma vez por todas para tirar os pecados da multidão. Ele aparecerá uma segunda vez, com exclusão do pecado, àqueles que o esperam para a salvação” (Hebreus 9:27, 28; versão de *A Bíblia de Jerusalém*).

Segundo o ensino apostólico, o evangelho ficaria mutilado, incompleto, incapado, sem a segunda vinda de Cristo. A primeira vinda de Cristo trouxe

a Cruz; a segunda vinda garante a Coroa — a libertação do homem, o aniquilamento do pecado e da morte.

Que felicidade! Jesus vem! A Sua voz faz-se ouvir, as trevas dissipam-se; a aurora refulgirá perpetuamente!

Cristo voltará, porque a Bíblia o afirma e toda a natureza o exige, “na esperança de que a mesma criatura seja libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rom. 8:19-22).

Os homens podem combater esse dogma, ou fazer dele objecto de seus sarcasmos; a promessa de Jesus, porém, permanece: “Voltarei!”

Alguém declarou, e com razão: “Assim como o nosso organismo não poderia viver se lhe amputássemos os nervos, é igualmente impossível que a Bíblia permaneça viva e pujante se dela fizessemos desaparecer a doutrina do regresso de Jesus Cristo.” — (William B. Ochs, *Vérités Pour Votre Temps*, Dammarie-les-Lys, S.D.T. 1963.)

Recuando ainda no tempo, e compulsando o relato sagrado, com que emoção lembramos os que nos antecederam ao longo dos milênios transcorridos e que creram e viveram na gloriosa esperança da manifestação do Salvador!

Enoque, o sétimo depois de Adão, está vivo nos Céus sem ter passado pela morte, representando os crentes que por ela não chegarão a passar, mas subirão aos Céus no momento súbito da segunda vinda de Cristo. (Ver Judas, vers. 14 e 15.)

Se dialogássemos com Job, perguntar-lhe-íamos: “Irmão Job, tu foste, entre os santos, o modelo da paciência. Tu perdeste todos os teus bens e passastes por rudes provas. Mas a despeito de tudo isso, não te revoltaste contra Deus. Queres tu dizer-nos se acreditaste na volta de Cristo?” Job responder-nos-ia: “Eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra (...), e esta minha carne e estes meus olhos ainda verão a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo e não os outros por mim O verão” (Job 19: 25, 26).

### O que Outros disseram da Bem-aventurada Esperança

O grande evangelista Dwight L. Moody escreveu: “Na minha maneira de ver esta preciosa doutrina — pois assim devo chamar-lhe — a volta do Senhor à Terra é ensinada no Novo Testamento com tanta clareza como qual-

quer outra doutrina que ele contém; no entanto, eu, estava na igreja (Baptista), havia 15 ou 16 anos, antes de ouvir o primeiro sermão sobre o assunto... Paulo menciona 13 vezes o baptismo, fala no entanto 50 vezes sobre a volta do Salvador, e a igreja preocupa-se muito pouco a este respeito. Posso agora ver uma razão para isso: o diabo não quer que vejamos essa verdade, pois nada despertaria mais a igreja.

“No momento em que o homem aprenda a verdade de que Cristo voltará para buscar os Seus seguidores, este mundo perde para ele a sua importância. O coração está livre e a pessoa aguarda o bem-aventurado aparecimento do seu Senhor, que por ocasião da Sua vinda a levará consigo para o Seu bendito Reino.” - (D. L. Moody, *A Segunda Vinda de Cristo*, pp. 6, 7.)

Em 1935 foi editado em França um livro intitulado: *Celui Qui Revient*, da autoria de Madeleine Chasles, católica fervorosa. Na introdução da sua obra, a autora lastima a “ignorância e indiferença dos católicos para com a Aparição e Estabelecimento do Reino final de Cristo. Tal ignorância é verdadeiramente surpreendente, em face do acontecimento *supremo*, sem o qual tudo o mais se desmonoraria e se afundaria... Não é proventura isto o cumprimento impressionante da profecia: ‘olhos para não ver?...’ Um dia, mais audaciosa, eu perguntava a um sacerdote: Acredita, padre, na volta do Senhor Jesus?”

“Um sorriso um tanto zombador; um ar irónico, um tanto céptico, foi antes de tudo toda a resposta.

“— Mas senhor cura, vós lereis pela ascensão, cuja festa se aproxima, que: ‘Ele virá da mesma maneira em que O vistes subir ao céu!’”

“— O que é que isso lhe pode importar que Ele venha? retorquiu o venerando eclesiástico, você não estará lá presente!”

“— O que é que isso me pode importar? Mas essa é toda a minha *Esperança*, a ‘Bem-aventurada esperança’ de que fala S. Paulo.

“— Oh!

“— Já o apóstolo S. Pedro evocava esses ‘escarneadores’ que diriam: ‘Onde está a promessa da Sua vinda?’”

Lembra ainda M. Chasles um caso que vale a pena citar: “Há alguns anos, em 1909, em Mazara del Vello, na Itália, fundou-se uma comunidade de religiosas, cujo fim principal era *esperar*

a volta de Jesus. Essas ‘vigilantes’ pensaram que o melhor que podiam fazer era cantar o dia inteiro ‘o Offício do Advento’. Elas traziam no dedo um anel de ouro, em que estavam gravadas as palavras do Apocalipse: VEM, SENHOR JESUS. Mas esta ordem não se renovou e deixou de existir.” Comentário de Madeleine Chasles: “Não é porventura indício do grande esquecimento em que caiu, em numerosos cristãos, o pensamento do regresso do nosso bem-amado Salvador?” — (*Ibid.*, p. 253).

Entre os que sonharam e lutaram pelo domínio do mundo e que, por sua ambição, pretenderam pôr em causa a veracidade da palavra dos profetas acerca do estabelecimento do reino de Cristo, cito as palavras daquele que foi o grande general Napoleão, no seu exílio na ilha de Santa Helena:

“Alexandre, César, Carlos Magno e eu, fundámos os nossos impérios sobre a força. Só Jesus Cristo, fundou o Seu império sobre o amor, e a esta hora, milhões de homens dariam as suas vidas por Ele. Eu, eu morri antes do meu tempo e o meu corpo vai ser lançado à terra, destinado a servir de pasto aos vermes. Tal é a sorte que espera em breve aquele que foi o grande Napoleão! Que incomensurável abismo entre a minha profunda miséria e a glória do reino eterno de Cristo, o qual é proclamado, amado e adorado e cujo domínio se estabelecerá sobre toda a terra.” — (Alonzo L. Baker, *O Futuro Império Universal*, Lisboa, edição Portuguesa da Sociedade Filantrópica Adventista, 1931, pp. 59, 60.)

E. G. White, falando da segunda ressureição, diz: “Vi ... Satanás apontar para os incontáveis milhões que tinham ressuscitado. Havia poderosos guerreiros e reis que eram muito hábeis em batalhas e que haviam conquistado reinos ... Ali estava o orgulhoso e ambicioso Napoleão, cuja aproximação tinha feito reinos tremer...” — (*História da Redenção*, São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, p. 419.)

Um escritor adventista, que no seu tempo foi muito conhecido, Roy Allan Anderson, autor das obras *Daniel Revelado e Apocalipse Revelado*, no final do seu comentário sobre as trombetas do Apocalipse, na página 99, declara: “Com o soar da sétima trombeta o mistério de Deus está terminado, e os reinos deste mundo vieram a ser de nosso Senhor, e do seu Cristo; e Ele reinará para todo o sempre.”

“Ó dia de glória, longamente esperado! Ó bemfazeja voz que há-de declarar estar consumado o mistério de Deus e chegado o reino de eterna justiça!

“Santos, apóstolos, patriarcas e mártires estiveram todos aguardando o alvorecer deste dia. Ele não pode estar distante, pois com o fim da sexta trombeta ou do segundo *ai*, logo vem o terceiro *ai*. Será o dia do livramento para o povo de Deus.”

À “manifestação da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo”, da pena do apóstolo Paulo (Tito 2:13), associa-se o apóstolo Pedro, exultando em transportes de alegria que os crentes também experimentam ao pensar na salvação total que Cristo lhes trará na Sua volta, e exprime-se assim:

“Vós O amais sem O terdes visto, no qual não O vendo agora vos alegrais com gozo inefável e glorioso, alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas” (I Pedro 1:8, 9).

Abri desde agora, o vosso coração ao amor incomparável de Jesus Cristo, e sereis os mais felizes de todos os homens; tereis um futuro que transformará o sentido e o quadro da vossa vida presente. Exultareis de alegria, e ninguém vo-la tirará!

“Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Amen! Ora vem Senhor Jesus!”

---

*O Pastor Pedro Brito Ribeiro, presentemente aposentado, pregou esta mensagem durante mais de 40 anos e vive em Loures, perto de Lisboa.*

# Como virá Jesus?

«Todo o olho O verá.»

**J**esus, pouco antes da Sua paixão e morte, ao ver os Seus discípulos tristes, por lhes ter afirmado que ia em breve ser retirado deles, disse-lhes: «Não se turbe o vosso coração: credes em Deus, crede, também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, Eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. E, se Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que, onde Eu estiver, estejais vós também» (João 14:1-3).

Esta promessa de Jesus foi a feliz esperança e expectativa dos apóstolos e de todos os crentes no decorrer dos séculos da igreja cristã até aos nossos dias. Logo após a ascensão de Jesus, as pessoas esperavam ver os apóstolos e restantes discípulos tristes e abatidos, mas, ao contrário disso, viam-nos felizes e entusiasmados, proclamando as boas novas do evangelho em Cristo crucificado, ressuscitado, ascendido aos Céus e prestes a voltar para galardoar com a vida eterna todos quantos O reconhecessem e recebessem como o Salvador e Redentor do mundo.

Mas esta promessa de Jesus nem sempre tem sido acalentada, recebida e compreendida por todos os que professam ser Seus seguidores. Tem mesmo, em muitos casos, sido desvirtuada, pervertida e inteiramente ignorada e esquecida. E uma das piores perversões diz respeito à maneira como Jesus virá. De acordo com as Sagradas Escrituras, essa vinda será:

**1. Visível — Apoc. 1:7; Mat. 24:30; Mar. 13:26; Lucas 21:27 e Actos 1:9-11**

Não há muito tempo bateram à minha porta duas simpáticas jovens. Claro que logo reconheci a que denominação religiosa pertenciam. Mandei-as entrar e dialogámos durante algum tempo. A dado momento, quando lhes falei que a vinda de Cristo é visível para «todo o olho», responderam-me pronta e quase sarcasticamente, que não é o olho físico, mas sim o olho do entendimento que verá Jesus na Sua vinda. E que Jesus já tinha vindo em 1914 e que só os eleitos e puros podiam discernir a Sua presença nesta Terra. Então pedi-lhes para ler Mateus 24:30, o que fizeram prontamente. Após terem lido, respondeu-me a que normalmente dirigia o

diálogo, com ares de triunfo: «Ah, mas aqui diz apenas que verão o sinal da Sua vinda.» Então insisti e disse-lhes para lerem bem, pois não diz que verão o «sinal», mas sim que O verão a Ele mesmo, Cristo, pois diz: «E *verão o Filho do homem*, vindo sobre as nuvens do Céu com poder e grande glória.» (Itálico meu) Com a minha insistência, leram mais duas ou três vezes e, estupefactas e aturdidas, reconheceram que, na verdade, eu tinha razão. Depois de se terem recomposto, mudaram de assunto e disseram que tinham de partir. Convidei-as a voltarem para dialogarmos sobre a Palavra de Deus, mas até hoje nunca mais voltaram.

Eu pedira-lhes para lerem este versículo, para lhes salientar e fazer compreender que o «olho», de que fala Apocalipse 1:7, é mesmo o olho físico e não o olho do entendimento como me queriam fazer crer. E isto porque a vinda de Cristo será vista por todas as tribos que estiverem vivas nessa ocasião, as quais se lamentarão. E, se se lamentam, é porque não são eleitos para poderem discernir e ver com o «olho do entendimento».

É espantoso! Quando pessoas de capacidade intelectual normal, e por vezes até acima do normal, se deixam manipular a ponto de discernirem e compreenderem, de modo tão distorcido, as coisas mais claras e compreensíveis das Escrituras, só conseguem ver e compreender de acordo com os óculos de lentes da falsa interpretação, que lhes colocaram nos olhos. E não é de admirar que o seu raciocínio seja distorcido, falacioso, pervertido.

Ainda sobre Apocalipse 1:7, salientei-lhes que até mesmo os que O passaram O verão. Ora, se estes estão mortos, não O podem ver com o olho do entendimento, ou mesmo com o olho físico. Para que O possam ver serão ressuscitados numa ressurreição especial, imediatamente antes de Cristo surgir nas nuvens do Céu. Diz o profeta Daniel, a este respeito, o seguinte: «E muitos dos que dormem no pó da Terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno» (Dan. 12:2). Ora, se esta ressurreição especial ainda não teve lugar, eles ainda não O viram e, portanto, Jesus ainda não veio.

A este respeito gostaria de citar para os leitores da *Revista Adventista* as seguintes palavras do livro *O Grande Conflito*, pág. 511: «Todos os que mor-

---

M. N. Cordeiro

reram na fé da mensagem do terceiro anjo saem do túmulo glorificados, para ouvirem o concerto de paz, estabelecido por Deus com os que guardaram a Sua lei. 'Os mesmos que O traspasaram', os que zombaram e escarnearam da agonia de Cristo, e os mais acérrimos inimigos da Sua verdade e povo, ressuscitam para contemplá-! O na Sua glória, e ver a honra conferida aos fiéis e obedientes.»

## 2. Corpórea — Actos 1:9-11

Os próprios anjos que testemunharam a ascensão de Cristo garantiram aos discípulos que, tal como O tinham visto subir, assim O veriam vir na Sua vinda. Ora, se Jesus ascendeu de entre eles em forma corpórea, de modo a poder ser visto por eles, do mesmo modo voltará corporalmentemente.

Por vezes, pessoas da mesma denominação atrás referida, dizem-nos que Cristo Se materializou para ser visto pelos discípulos, mas que não ressuscitou corporalmentemente e que, portanto, também não virá corporalmentemente. Mas o próprio Jesus, após a Sua ressurreição, afirmou: «Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou Eu mesmo: Apalpai-Me e vede: pois um espírito não tem carne e ossos, como vedes que Eu tenho» (Lucas 24:39).

## 3. Audível — I Tess. 4:13-18

Além da vinda do senhor ser visível e corpórea, ela é também audível, «porque o mesmo Senhor descerá do Céu, com alarido, e com a voz do arcanjo, e com a trombeta de Deus» (I Tess. 4:16 1ª parte).

Ora, com tal alarido e som de trombetas ninguém deixará de constatar tão grandioso acontecimento. Isto refuta, sem dúvida, os ensinamentos de certos cristãos que afirmam que a vinda de Cristo ocorrerá de maneira secreta para arrebatarmos os Seus eleitos. E que os procuraremos, mas não os acharemos porque o Senhor os tomou secreta e silenciosamente.

## 4. Gloriosa — II Tess. 1:7-10; Mat. 24:30; Mar. 13:26; Lucas 21:27; Judas 24; Tito 2:13; Apoc. 4:8; 19:11-16.

O Senhor Jesus Cristo não mais virá pobre e humilde, como veio na Sua primeira vinda, ao nascer na estrebaria em Belém, mas poderoso e glorioso. «E quando o Filho do homem vier em Sua glória...» «Porque o Filho do homem virá na glória de Seu Pai, ...» «... E verão o filho do homem, vindo sobre as nuvens do Céu, com poder e grande

glória» (Mat. 25:31; 16:27; 24:30) «Então verá vir o Filho do homem, nas nuvens, com grande poder e glória» (Mar. 13:26). E o apóstolo Pedro refere-se ao dia da vinda de Cristo como o «grande e glorioso dia do Senhor» (Actos 2:20).

Outras passagens, além destas, poderiam ser citadas para demonstrar que a vinda do Senhor será, sem dúvida, acompanhada de grande glória. Mas creio que estas são suficientes para nos convencerem de tal facto.

No livro *O Grande Conflito*, pág. 514, lemos o seguinte: «O Rei dos reis desce sobre a nuvem, envolto em fogo chamejante.» «Virá o nosso Deus, e não se calará: adiante d'ele um fogo irá consumindo, e haverá grande tormenta ao redor d'Ele» (Salmos 50:3).

## 5. Aparatosa — Apoc. 6:14-17; 16:17-22; Ageu 2:6, 7; Heb. 12:26; Joel 3:16; Lucas 21:25-27.

A vinda de Cristo será acompanhada por fenómenos assombrosos e aterradores, para os ímpios; enquanto que os mesmos são sinais de livramento e salvação para os fiéis. O próprio Senhor Jesus, sabendo que nos últimos dias surgiriam pessoas a ensinar e a crer que Ele já veio, que virá em silêncio e/ou secretamente, ou que vem quando uma pessoa morre, disse: «Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhes deis crédito. Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. Eis que Eu vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Eis que Ele está no deserto, não saiais. Eis que Ele está no interior da casa: não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do Oriente e se mostra até ao Ocidente, assim será, também, a vinda do Filho do homem» (Mat. 24:23-27).

Assim como o relâmpago, quando ocorre, é visto por todas as pessoas, em toda a área da sua ocorrência, assim também Cristo, quando vier de novo à Terra, será visto por todas as pessoas que então viverem na Terra.

Imediatamente antes de Cristo surgir nas nuvens do Céu haverá «vozes, e trovões, e relâmpagos, e um grande terramoto, como nunca tinha havido desde que há homens sobre a Terra; tal foi este tão grande terramoto» (Apoc. 16:18). Os mortos justos ressuscitarão e, juntamente com os justos vivos, serão arrebatados ao encontro do Senhor nos ares» (I Tess. 4:16-17). «E o Céu

retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares. E os reis da Terra, e os grandes, e os ricos e os poderosos, e todo o servo, e todo o livre, se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas; e diziam aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondei-nos do rosto d'Aquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro. Porque é vindo o grande dia da Sua ira; e quem poderá subsistir?» (Apoc. 6:14-17).

No *Grande Conflito*, pág. 510, lemos a este respeito o seguinte: «É à meia-noite que Deus manifesta o Seu poder para o livramento do Seu povo. O Sol aparece resplandecendo na sua força. Sinais e maravilhas seguem-se em rápida sucessão. Os ímpios contemplam a cena com terror e espanto, enquanto os justos vêem com solene alegria os sinais do seu livramento. Tudo na natureza parece desviado do seu curso. As correntes de água deixam de fluir. Nuvens negras e pesadas chocam-se umas nas outras. No meio dos céus agitados, acha-se um espaço claro de glória indescritível, donde vem a voz de Deus como o som de muitas águas dizendo: 'Está feito'.

«Essa voz abala os Céus e a Terra. Há um grande terramoto, ... O firmamento parece abrir e fechar-se. A glória do trono de Deus dir-se-ia atravessar a atmosfera. As montanhas agitam-se como a cana ao vento, e anfractuadas rochas são espalhadas por todos os lados. Há um estrondo como de uma tempestade a sobrevir. O mar é açoitado com fúria. Ouve-se o sibilar do furacão, semelhante à voz dos demónios na missão de destruir. A Terra inteira levanta-se, dilatando-se como as ondas do mar. A sua superfície está a quebrar-se. O seu próprio fundamento parece ceder. Cadeias de montanhas estão a sossobrar. Desaparecem ilhas habitadas. Os portos marítimos que, pela sua iniquidade, se tornaram como Sodoma, são tragados pelas águas enfurecidas.»

E na página 526 lemos: «Por ocasião da vinda de Jesus Cristo, os ímpios são eliminados da face de toda a Terra: consumidos pelo espírito da Sua boca, e destruídos pelo esplendor da Sua glória. Jesus Cristo leva o Seu povo para a cidade de Deus, e a Terra é esvaziada dos seus moradores....

«A Terra inteira parece-se com um deserto assolado. As ruínas das cidades e vilas destruídas pelo terramoto, árvores desarraigadas, pedras escabrosas arrojadas pelo mar ou arrancadas

da própria Terra, espalham-se pela sua superfície, enquanto vastas cavernas assinalam o lugar em que as montanhas foram separadas da sua base.»

O profeta Isaías, referindo-se à condição da Terra após a vinda de Cristo, diz o seguinte: «Eis que o Senhor esvazia a Terra, e a desola, e transtorna a sua superfície, e dispersa os seus moradores.» «De todo se esvaziará a Terra, e de todo será saqueada, porque o Senhor pronunciou esta palavra.» «Porque transgridem as leis, mudam os estatutos, e quebram a aliança eterna. Por isso a maldição consome a Terra, e os que habitam nela serão desolados: por isso serão queimados os moradores da Terra.» (Isa. 24:1, 3, 5-6).

E o profeta Jeremias, referindo-se ao mesmo período, diz o seguinte: «Observei a Terra, e eis que estava assolada e vazia: e os Céus, e não tinham a sua luz. Observei os montes e eis que estavam tremendo; e todos os outeiros estremeciam. Observei e vi que homem nenhum havia e que todas as aves do Céu tinham fugido. Vi também que a Terra fértil era um deserto, e que todas as suas cidades estayam derrubadas» (Jer. 4:23-26).

Perante tão assombrosos e prodigiosos acontecimentos, que precedem e acompanham a vinda de Cristo, quem ousará dizer que Ele já veio ou que a Sua vinda será secreta e silenciosa? Ou que somente os eleitos O verão com o olho do entendimento?

Lembremos as palavras de Jesus: «E então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo: ou, ei-l' O ali: não acrediteis. Porque se levantarão falsos cristos, e falsos profetas, e farão sinais e prodígios, para enganarem, se for possível, até os escolhidos. Mas vós vede: eis que de antemão vos tenho dito tudo.» (Marcos 13:21-23).

É nas Suas próprias palavras, e nas que proferiu mediante os Seus santos profetas e apóstolos, que devemos acreditar e não nas palavras dos que pretendem ser Seus embaixadores, mas agem e usam a linguagem e a subtilidade do dragão.

«Não há possibilidade de ser simulada esta vinda. Será conhecida universalmente, testemunhada pelo mundo inteiro.» (*O Grande Conflito*, p. 502.)

*Manuel Nobre Cordeiro é pastor da igreja de Aveiro e dos grupos de Albergaria-a-Velha e Pedralva, sendo também o responsável pelo Serviço do Espírito de Profecia na União Portuguesa.*

Fernando Ferreira

# No Apogeu da Evangelização

A história da evangelização tem evoluído no decorrer dos séculos, ocasionalmente com momentos de grande glória, mas estes têm alternado com outros de aparente estagnação e até retrocesso.

No processo do grande conflito, estão registados momentos de grandes vitórias, em que as forças do bem, numa perfeita sincronia do esforço humano com o poder divino, têm feito recuar as forças nefastas do mal. Por outro lado, tem havido muitos trechos do percurso em que, aos olhos humanos, o mal parece dominar irremediavelmente a humanidade.

Se contemplarmos a situação do mundo na actualidade — a crueldade dos homens manifestada na atrocidade das guerras; a impotência dos políticos para fazer parar esses flagelos; o ódio racial, que apesar de grandes esforços para a sua contenção, ameaça explodir a qualquer momento; o trágico desequilíbrio ecológico a que assistimos; a secularização dos homens, que nos parece que cada dia têm um maior desejo de se divorciar de Deus; o encanto das mentes face à ciência e à tecnologia, tudo isto pode levar-nos a pensar que o homem jamais se voltará para o seu Criador.

Ao analisarmos, porém, o texto sagrado, deparamos com uma realidade diferente. Apesar do materialismo, da indiferença religiosa, das preocupantes condições de vida, a verdade terminará vencendo gloriosamente. Ovi há dias um cientista português que, ao ser entrevistado na rádio, comentava: “A ciência e a tecnologia não podem dar resposta aos grandes problemas da humanidade; por isso, estamos a assistir ao ressurgimento das grandes religiões.” Apocalipse 18:1 revela-nos um quadro grandioso do clima da evangelização: “Vi descer do céu outro anjo que tinha grande autoridade, e a terra foi iluminada com a sua glória.” Esta perspectiva vitoriosa do evangelho é confirmada pelos escritos do espírito de profecia: “A grande obra do evangelho não deverá encerrar-se com menor manifestação do poder de Deus do que a que assinalou o seu início.” *Grande Conflito*, p. 491.

O esforço de evangelização final é descrito vividamente por E. White: “Servos de Deus, com o rosto iluminado e a resplandecer de santa consagração, apressar-se-ão de um lado para o outro para proclamar a mensagem

do céu. Por milhares de vozes em toda a extensão da terra, será dada a advertência.” *Ibidem*.

Muitos obreiros participarão nesta acção final, desde o obreiro leigo, passando pelos obreiros das nossas instituições, ao obreiro mais habilitado, todos serão instrumentos de evangelização nas mãos do divino Mestre.

Contudo, vejo nesta acção evangelizadora, em que são factores preponderantes a urgência, a consagração, o movimento de um lugar para o outro, na tentativa de encontrar e recolher o máximo de almas, um papel verdadeiramente importante dos colportores-evangelistas. Existe uma referência clara a este ministério que deve ser mantido e desenvolvido para cumprir cabalmente a sua missão:

“A semente foi semeada e agora brotará e frutificará. As publicações distribuídas pelos missionários têm exercido a sua influência; todavia muitos que ficaram impressionados, foram impedidos de compreender completamente a verdade ou de lhe prestar obediência. Agora os raios de luz penetram por toda a parte, a verdade é vista em toda a sua clareza, e os laicos filhos de Deus cortam os liames que os têm retido... Apesar das forças arregimentadas contra a verdade, grande número se coloca ao lado do Senhor.” *Ibidem*.

Todos não serão demais, o esforço final requererá uma acção concertada de todas as forças vivas da igreja. Mas é necessário começar já a fazer a sementeira para que maior seja a colheita. Os nossos livros e revistas não devem ficar nas estantes, devem ser postos em terreno fértil para que possam produzir frutos. Cada página oferecida ou vendida é uma semente deixada ao cuidado d'Aquele que tem a missão de a fazer frutificar.

Nas suas pastas, os colportores-evangelistas transportam cada dia uma preciosa semente: a mensagem final de Deus para a humanidade. Estão a preparar o terreno para esse grande acontecimento que será o apogeu da evangelização. Numa acção partilhada por muitos obreiros e outros membros da igreja, *preparam um povo para se encontrar com Deus*.

*Fernando Ferreira é director do Departamento de Publicações da União.*

# Para Onde Vamos?

Ao desfolhar as páginas de um dos jornais diários da capital, deparei com o editorial, assinado pelo jornalista Martim Noel Monteiro, cujo título é precisamente aquele que achei por bem dar a este artigo: *Para onde vamos?* Como é natural, este título prendeu imediatamente a minha atenção. Depois de o ler na íntegra, recortei-o, guardei-o, e agora, transponho para a nossa *Revista*, os dois primeiros parágrafos:

«É esta uma interrogação que muita gente, perplexa, deverá fazer, embora não saiba a quem, senão a si própria.

«E com certeza que não encontrará fácil resposta, pois que se uma das características dos homens é fazerem previsões, e, baseados nelas, estabeleceram planos de acção, a verdade é que a complexidade da sociedade humana de hoje, quando considerada no âmbito de cada país e nas relações de uns com os outros, é de molde a confundir os melhores futurologistas».

Apesar da dificuldade em fazer futurologia, algumas pessoas arriscam-se nesse domínio, e encontramos nessas opiniões um ponto que é quase comum a todas elas: — uma visão muito escura dos horizontes futuros. Valery Giscard d'Eistang, antigo presidente da República francesa, declarou à revista *La Nation* o seguinte:

«Antes de mais antevejo a situação trágica da humanidade vindoura. Que vejo? Um mundo de seis a dez biliões de seres humanos que na sua maior parte viverão nas cidades com os problemas psicológicos, políticos, administrativos e culturais que se seguirão.»

Porquê esta visão tão negra do futuro do homem? A resposta está certamente implícita numa parte dum discurso que Albert Einstein proferiu na Universidade de Princeton, nos U.S.A. em 1948:

«O verdadeiro problema está na condição dos homens. Não se trata dum

problema físico, mas de um problema moral. É mais fácil modificar a duríssima composição do plutónio do que a maldade do espírito do homem. Não é a poderosa explosão da bomba atómica que nos amedronta, mas o poder do coração humano e a sua força explosiva na direcção do mal.»

Após milénios da história da Humanidade, e de tantas experiências feitas no campo filosófico, político e social, para levar os homens aos caminhos da paz, do convívio e do progresso, constatamos que só nos resta, efectivamente, uma esperança: a vinda de Jesus, que se traduzirá na implantação do Reino de Deus com todas as notáveis consequências bem conhecidas por todos nós.

Estaremos muito próximos do Seu regresso?

Qualquer que seja a nossa convicção, ou o mero pressentimento, não poderemos deixar de considerar a panorâmica da História como ela é ao presente, criada pelos sinais, que, cada vez mais, se tornam evidentes à nossa razão e sentimentos.

— **As guerras e os rumores de guerras e as nações envolvidas em lutas fratricidas (Mat. 24:6)**

Todos constatamos, com tristeza, que depois das esperanças surgidas pelo fim deste ou daquele antagonismo entre as nações, irrompem, quase de imediato, novas lutas, novos combates e ódios, envolvendo outras nações, outros povos, que nos levam a duvidar dos tão apregoados anseios de paz sentidos pelo Homem.

— **Fomes: grandes fomes em vários lugares da Terra (Mat. 24:7)**

Tendo como causas mais significativas o aumento populacional e a tremendamente injusta repartição das riquezas, a fome alastra hoje pelo mundo numa forma gigantesca, imparável e impressionante. As previsões apontam para que o mundo conte 6 a 7 bi-

liões de habitantes no ano 2000, dos quais, à volta de 80%, serão cidadãos subalimentados.

— **Haverá terremotos em vários lugares (Mat. 24:7)**

Nos últimos anos tenho prestado maior atenção ao facto de a Bíblia dizer que os terremotos se fariam sentir «em vários lugares da terra». Não se trataria, pois, de fenómenos de carácter geral, ocorrendo numa forma universal. Realmente, quando consideramos as listas dos terremotos havidos nos últimos decénios, verificamos que somente algumas regiões da terra são particularmente afectadas, e vemos, também, que o número desses abalos está a aumentar numa forma relevante, semeando a dor e a morte nesses lugares, mas cumprindo concomitantemente a profecia.

— **Pestes: Também em vários lugares (Mat. 24:7)**

Apesar dos avanços espectaculares da Medicina, algumas doenças mantêm-se como terríveis flagelos no seio da Humanidade. Nos últimos tempos, a sida, pior do que a lepra dos tempos bíblicos, ergue os seus tentáculos devoradores, liquidando vidas e lançando o pânico em muitos lugares.

— **As lutas sociais dos últimos tempos. Luta directa ou implícita entre os pobres e os ricos (Tiago 5)**

Iludiam-se aqueles que pensavam que a organização de sindicatos, o aumento dos salários, ou o melhoramento das condições de vida, iriam fazer desaparecer as lutas sociais. Tais conflitos são devidos à incapacidade do homem de ter em conta, numa forma inteligente e digna, não só os seus interesses, mas também os do seu semelhante.

— **A poluição: Perto do fim, Deus viria destruir os que destroem a Terra (Apoc. 11:15-18)**

A ecologia tornou-se numa das dimensões mais relevantes da história contemporânea. Cartas, discursos, livros, apelos, mass-media, políticos, congressos, Estados, presidentes e monarcas, todos convergem, no momento que passa, para a reunião dos esforços tendentes a regenerar a Terra e a parar, definitivamente, de a destruir, ao mesmo tempo que, infelizmente, ou-

vimos dizer a cada passo, que é impossível levar até ao fim estes desígnios.

— **A Ciência se multiplicará (Daniel 12:4)**

Os extraordinários cometimentos da Ciência já deixaram de nos causar espanto, dada a profusão com que eles ocorrem no tempo. Efectivamente, raros são os meses em que não se ouve falar de mais um avanço espectacular no domínio científico, quer seja na Medicina, na Engenharia, na Astronáutica ou em qualquer outro sector das ciências.

— **E muitos correrão de uma parte para a outra (Dan. 12:4)**

Nunca a Humanidade presenciou a constância e tipo de deslocamentos e correrias como aquelas que ocorrem diariamente, no nosso tempo. Os mais variados tipos de transportes põem à disposição das populações, por toda a parte, a possibilidade de se deslocarem de um lado para o outro, na mesma vila, ou cidade, numa cidade para a outra, de um país para o outro, dum continente para o outro, e assim vemos estradas, auto-estradas, gares marítimas, estações de camionagem, de caminhos de ferro e de metropolitano, aeroportos, repletos de multidões, correndo de uma parte para a outra, exactamente como dizia a Profecia.

— **E a maldade se multiplicará (Mat. 24:12)**

Os índices da maldade atingiram proporções verdadeiramente inqualificáveis. A caneta quase se recusa a escrever quando se aborda este assunto. Já nem sabemos bem quais os exemplos que devem ser referidos para que todos possamos tomar consciência da maldade que campeia no mundo, posto que, tantas vezes, já se passou a reagir com uma certa indiferença diante daquilo que está acontecendo. O crime vulgarizou-se e assume contextos inusitados ainda há poucos anos. Com pouco mais do que uma crispação no rosto, a sociedade assiste ao desfile dum cortejo de roubos, homicídios, atentados, homossexuais e drogados, prostituição, violência e tudo o mais que vai tornando este mundo num lugar cada vez mais desconfortável e perigoso para nele se viver.

— **E o amor esfriará (Mat. 24:12)**

Como consequência da maldade —

não só da matriz atrás referida, mas também daquela que somos obrigados a constatar no quotidiano — a ingratitude, a inveja, as interpretações incorrectas, o rancor, a falsidade, etc. — encontramos claramente expressa nas relações humanas uma diminuição assustadora dos níveis do amor. Tal situação verifica-se facilmente e atinge uma dolorosa realidade que jamais foi vista. As relações de grande parte dos cônjuges, a convivência entre filhos e pais, o nível de despreendimento entre vizinhos, a hostilidade entre tantos colegas e entre tantos empregados e patrões, a indiferença perante as amarguras alheias, etc., etc., mostram à evidência como este sinal da vinda de Cristo se cumpre manifestamente nos nossos dias.

— **E haverá um tempo de angústia como nunca se viu (Dan. 12:1)**

Uma das nossas revistas que se publicam na América trazia há tempos um artigo sobre doenças do foro mental, onde, a dada altura, se fazia menção da quantidade de tranquilizantes consumidos anualmente nesse país. Sem poder precisar o número exacto, lembro-me de que esse número atingia a casa dos muitos milhões. Aquela simples e fria estatística mostrava claramente que estamos perante uma sociedade de pessoas angustiadas, interiormente opressas e ansiosas por se verem libertas das suas penas. Será que esta situação é característica somente dos cidadãos daquele grande país? Sabemos todos que não. Ela pode ser, isso sim, o protótipo daquilo que se passa em larguíssimas regiões do globo, onde a ansiedade é gerada em proporções realmente nunca vistas.

— **Quando vier o Filho do homem, porventura encontrará fé na Terra? (Lucas 18:8)**

Pergunta de retórica, isto é, pergunta para a qual não se espera uma resposta, mas que é feita única e exclusivamente para dar ênfase à problemática que está em causa. A diminuição dos níveis de fé tem-se acentuado bastante no nosso tempo e atingiu nas últimas décadas proporções quase alarmantes. Mesmo nos países ditos cristãos, a maior parte das pessoas têm pouco mais do que três contactos com a igreja: o baptismo em criança, o casamento e a morte. A fé genuína — tal como Jesus

a entendeu — está ausente, nos mais diferentes lugares da Terra, ou então presente, mas numa plataforma francamente superficial.

— **Muitos falsos profetas viriam, fazendo, inclusive, milagres, arrastando multidões e enganando a muitos (Mat. 24:12 e 7:22-23)**

Nos últimos tempos, temos assistido, no plano da Cristandade, à quase proliferação de novas seitas e cultos, um pouco por toda a parte, pregando aqui, ensinando acolá, fazendo «milagres» além, fazendo-se conhecer pela imprensa, falando pela rádio, arrastando muita gente. Dispensar-me de recordar essas denominações, tão badaladas são elas, por toda a parte, nos nossos dias. Vamos certamente continuar a assistir ao desenrolar destes acontecimentos, devendo a cada passo tirar as ilações que são devidas, particularmente no contexto da vinda do Senhor.

— **A perseguição de carácter religioso movida aos cristãos, os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus (Mat. 24:9 e Apoc. 14:12)**

Creio que presentemente todos temos uma ideia mais ou menos esclarecida acerca da maneira como nos últimos anos foi evoluindo o conceito de tolerância da Igreja dominante em relação às outras Igrejas. Ainda não é chegado o momento de se poder falar em perseguição, mas desejo simplesmente recordar que certas declarações feitas por altas autoridades dessa Igreja, em contextos políticos bem definidos, não nos parecem ser de modo a duvidar que estaremos no limiar da tomada de grandes poderes e influências por parte da Igreja, com o conseqüente abandono da liberdade religiosa, para com aqueles que não comunguem das mesmas ideias, e da acção compulsiva no sentido da unidade religiosa invocada, particularmente, em nome da unidade nacional das diferentes nações, e do seu progresso, feito nos caminhos da paz.

— **O evangelho será pregado em todo o mundo (Mat. 24:14)**

O desenvolvimento da ciência permitiu em larga escala que o Evangelho fosse levado a todas as partes do mundo. A Bíblia encontra-se hoje traduzida e impressa em quase todas as línguas.

guas e dialectos, tendo chegado ao ponto de se poder dizer que a Bíblia é hoje o livro mais disseminado pelo mundo. A Rádio e a Televisão, o próprio Vídeo, têm-se encarregado de dar cumprimento a esta particular profecia, enquanto multidão inumerável de pregadores anuncia a Boa Nova de viva voz, aos seus auditórios, por todas as regiões do globo: tudo apontando conjuntamente, também, para o regresso do Senhor.

**Para onde vamos?** Vamos certamente na direcção da implantação do

Reino de Deus na terra e do coroamento de Jesus Cristo como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Quando? «Porém, daquele dia e hora, ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas unicamente meu Pai» (Mat. 24:36). Estaremos próximos da Sua vinda? «E quando virdes todas estas coisas sabei que está próximo, às portas» (Mat. 24:33).

*José M. de Matos é pastor de Ermesinde, Matosinhos e Vila do Conde.*

# Que Pessoas vos Convém Ser...?

II Ped. 3:11

Todos já lemos esta pergunta que serve de título a estas simples considerações. Permitam-me os leitores que abuse da vossa condescendência e transcreva na totalidade esta passagem tal como vem na Bíblia de Jerusalém (São Paulo, ed. Paulinas, 1985):

“Se todo este mundo está fadado a desfazer-se assim, qual não deve ser a santidade do vosso viver e da vossa piedade, enquanto esperais e apressais a vinda do Dia de Deus, no qual os céus, ardendo em chamas, se dissolverão e os elementos, consumidos pelo fogo, se fundirão?” (vrs. 11 e 12).

Poderia agora dedicar-me a fazer um belo discurso sobre os problemas físicos que podem pressagiar graves dificuldades para a vida neste nosso planeta. Os problemas com o ozono, o efeito estufa, o aumento dos poluentes na natureza, a subida geral da temperatura ambiente, em especial nos grandes centros urbanos, etc, etc... Julgo que não há possibilidade de sentirmos (ou por via religiosa ou por outra qualquer...) que o tempo se estenderá indefinidamente. Tudo aponta para a “urgência do tempo”, para a inevitabilidade próxima do “dia do Senhor”.

Ora sendo assim, “qual não deve ser a santidade do vosso viver...?”

## A Diferença

Não é possível ler este texto sem sentirmos que a santidade, ser santo, sepa-

rado, diferente, terá que ser uma característica marcante em cada cristão que aguarda a vinda do Senhor.

Assim, parece que uma das primeiras necessidades é aceitarmos a diferença. São os padrões do mundo que estão em causa. É forçoso que nos tornemos em “sermões vivos”, demonstrando, de uma forma inequívoca, como viver com Cristo é tão sublime, tão mais elevado que a vida que o mundo promove.

Para criarmos valores que nos distingam, precisamos de alimentar a nossa mente (por intermédio dos nossos sentimentos) não com a vulgaridade, não com a banalidade, mas com aqueles elementos que, sentimos, irão caracterizar a vida no Céu. Ao assimilá-los, eles passarão a fazer parte integrante da nossa natureza e da nossa forma de viver.

Permitam-me que destaque alguns:

## \* O Viver em Família

Serão as nossas famílias diferentes das demais? Esta questão, se encarada com abertura mental, deve fazer-nos reflectir. São os hábitos familiares que estão em causa.

Seria tão simples se tudo se resumisse a haver ou não o culto familiar. Certamente que ele é muito importante, mas deve ser mais um elemento a juntar a muitos outros.

Que tipo de ambiente existe nos nossos lares? É um clima criador de alegria, de paz, ou está sempre envolto em inúmeras tensões, incompreensões, arbitra-

riedades, prepotência, omissões, agressões, descortesias, indiferenças? É a forma como o casal se relaciona que vai dar o mote a todo o viver familiar. Quando o marido “ama a sua mulher como a si mesmo” e quando a mulher “reverencia o seu marido” estão, em parte, reunidas as condições para que se crie uma família que se projecte para a eternidade. “Colocar Cristo na sua vida, eis a grande necessidade do casal.” (E. G. White, *Lar Adventista*, p. 20.) Só quando conseguirmos alcançar eficientemente este objectivo, estarão os pais habilitados a educar os seus filhos, preparando-os para o “dia do Senhor”. A linguagem a utilizar, o tom de voz, os assuntos que se cultivam e discutem, tudo deve gerar respeito, simpatia, ternura.

## \* O Viver Pessoal

Mas há muitos aspectos que são necessariamente individuais. Os elementos mais profundos da humanidade terão sempre um carácter individual. A religião é fruto das opções de cada um.

O mesmo se aplica ao campo da saúde. Poderíamos argumentar que há implicações familiares no estilo de vida que cada um assume, mas na realidade esse estilo será fundamentalmente o resultado das opções individuais.

Falar em reforma da saúde é falar em algo de pessoal, que tem ou não que ser interiorizado numa forma particular. Não pode, esse estilo de vida, ser fruto da coacção de qualquer colectivo, nem pode a sua não-aceitação ser desculpabilizada com a imputação de responsabilidades a terceiros.

Será que cada um, por si, está disposto a viver a santidade na nutrição? (Façam a descoberta de um regime mais saudável e ele será de tal forma gratificante que não quererão outro!) Aceitamos nós, cada um de nós, a responsabilidade de usar convenientemente a água? Tiramos proveito do ar? Sabemos rentabilizar o sol? Instituímos o exercício? Mantemos o equilíbrio que é apanágio da temperança? Respeitamos os limites impostos pelo repouso? Fazemos cada dia um exercício de fé para que a confiança em Deus se torne natural e profundamente arraigada até ser parte integrante da nossa essência? Todos estes elementos ajudam a vincar a diferença. Vivê-los é, evidentemente, ter um projecto de vida que promove a santidade.

“Que pessoas vos convém ser, em santo trato e piedade?” A resposta a esta questão é o grande desafio da existência de cada um. Quem está disposto a aceitá-lo?

*O Dr. Daniel Esteves é director do Departamento de Saúde e Temperança da União Portuguesa.*

Daniel Esteves

«Ide aos homens mais afastados do globo habitável, mas sabei que a minha presença ali estará.» — Testemunhos Selectos, v. III, p. 208.

# Aguardando e Apressando a Volta do Senhor

II Ped. 3:12

## O Povo de Deus em Perigo

“**E** stá-se desvanecendo a fé na próxima vinda de Cristo” ‘Meu Senhor tarde virá’, não se diz apenas no coração mas exprime-se também em palavras e ainda mais decididamente nas obras. A insensatez, neste tempo de espera, está embotando os sentidos do povo de Deus quanto aos sinais dos tempos. A terrível iniquidade que predomina requer a máxima diligência e o testemunho vivo, a fim de manter o pecado excluído da igreja.” — *Testemunhos Selectos*, vol. I, págs. 330, 331.

## A Pregação do Evangelho Apressará a Vinda de Jesus

Evangelizar é preparar o caminho para que o Senhor venha. Isto está de acordo com o que Jesus afirmou em Mateus 24:14: “E este evangelho do reino será pregado em testemunho de todas as gentes e então virá o fim”. A Sr<sup>a</sup> Ellen White deu a mesma ideia quando disse: “Dando o Evangelho ao Mundo, está em nosso poder apressar a volta de nosso Senhor. Não nos cabe apenas aguardar, mas apressar o dia de Deus”. — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 474 (4. edição).

“Caso houvesse sido executado o propósito divino de transmitir ao mundo a mensagem de misericórdia, Cristo já teria vindo à terra e os santos teriam recebido as boas-vindas na cidade de Deus.” — *Testemunhos Selectos*, vol. III, pág. 72.

“O Senhor determinou que a proclamação desta mensagem fosse a maior e mais importante obra do mundo, para o presente tempo”. — *Evangelismo*, p. 18.

Dizem os rabinos no Talmude: “Quem está atrasando a vinda do Messias é Israel.”

Como Igreja, estamos empenhados numa Missão Global de evangelização, em relação com os últimos acontecimentos do mundo, os quais indicam ter de acela-

rar-se o nosso envolvimento na evangelização (João 9:4). O tempo para a raça humana está-se esgotando ecológica, política e socialmente. Todos reconhecem a necessidade dum novo céu e duma nova terra.

“Que a mensagem do evangelho soe através das nossas igrejas, convidando-as para a acção universal.” — *Serviço Cristão*, p. 77.

“Pergunte cada adventista a si próprio: Que posso fazer para proclamar a mensagem do terceiro anjo?” — *Ibid.*, p. 9.

Assim sendo, a primazia e a centralidade de todas as nossas actividades no evangelismo devem ser claramente perspectivadas diante de toda a Igreja: Todo o administrador, departamental, pastor, professor e todos os outros obreiros da denominação devem sentir a responsabilidade de que ninguém está isento da divina missão de evangelizar.

É mesmo dito que “a obra evangelística deve ocupar mais e mais o tempo dos servos de Deus” — *Evangelismo*, p. 17.

A Igreja deve resistir energeticamente ao perigo sempre presente da multiplicação de actividades que neutraliza a primazia desta missão que é o evangelismo.

## O Testemunho dos Crentes abreviará a Volta de Jesus

“É privilégio de todo o cristão, não só aguardar, mas mesmo apressar a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo. Se todos os que professam o Seu nome estivessem produzindo frutos para Sua glória, quão rapidamente não seria lançada em todo o mundo a semente do evangelho. Depressa amadureceria a última seara, e Cristo viria para juntar o precioso grão”. — *Testemunhos Selectos*, vol. III, p. 213.

A primeira forma de evangelização é o testemunho pessoal. O homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres, mais na experiência do que na doutrina. Aquilo a que o mundo é mais sensível, é a atenção às pessoas, a caridade a favor dos necessitados, das crianças e dos

que sofrem. Diz Actos 11:24, sobre o testemunho de Barnabé: ‘Porque era homem de bem, e cheio do Espírito Santo e de fé. E muita gente se uniu ao Senhor’.

“Não é somente pregando a verdade, ou distribuindo literatura, que devemos ser testemunhas de Deus. Lembremo-nos que uma vida semelhante à de Cristo é o mais poderoso argumento que pode ser apresentado em favor do Cristianismo, e que o cristão que não é fiel à sua profissão causa mais dano ao mundo do que um mundano.” — *Testemunhos Selectos*, vol. III, p. 290.

## O Poder do Espírito Santo na Finalização da Obra

Só o esforço totalmente submetido à direcção do Espírito Santo tornará possível dar à obra o impulso que apresse o retorno de Cristo. “A presença do Espírito com os obreiros de Deus conferirá à apresentação da verdade um poder que nem toda a glória do mundo poderiam dar. O Espírito fornece a energia que sustenta as almas que se esforçam e lutam, em todas as emergências, em meio do desamor dos parentes, do ódio do mundo e da intuição das suas próprias fraquezas e erros.” — *Testemunhos Selectos*, volume III, pág. 212.

“A ausência do Espírito é que torna tão destituído de poder o ministério evangélico. Pode possuir-se erudição, talento, eloquência ou qualquer dom natural ou adquirido, mas sem a presença do Espírito pecador algum será ganho para Cristo.” *Ibid.*

**O Espírito de Deus** — eis a nossa maior necessidade! Sem Ele fica comprometida a finalização da obra e o testemunho da igreja.

Como os discípulos, unidos, de mãos dadas oremos ao Pai pela Sua vinda sobre nós para ser capacitados para a missão final.

*Alberto Nunes é director dos Departamentos de Comunicação, Evangelismo e Associação Pastoral da União Portuguesa.*

Quando Jesus vier, feliz aquele que puder dizer:

## “Eis-me aqui, com os Filhos que me deu o Senhor”

Sendo os filhos «a herança do Senhor»<sup>1</sup>, todos os pais terão de prestar contas a Deus pela educação dos filhos que lhes foram confiados. «A educação e instrução dos filhos para serem cristãos é o mais elevado serviço que os pais podem prestar a Deus.»<sup>2</sup> É seu dever e privilégio ajudarem os filhos a desenvolver um carácter semelhante ao de Jesus, pois «um carácter formado segundo a semelhança divina é o único tesouro que podemos levar deste mundo para o futuro.»<sup>3</sup>

O método de educação estabelecido no Éden, e que prevaleceu nos dias dos patriarcas, centrava-se na família. A família era a escola e os pais e os professores. Era esse também o método que Deus desejava implantar em Israel, após a saída do Egito. No entanto, depois de um prolongado contacto com o paganismo, «poucos havia entre os israelitas preparados para serem obreiros juntamente com Ele, no ensino dos seus filhos.»<sup>4</sup> Os pais tornaram-se indiferentes às obrigações para com Deus e para com os filhos e muitos dos jovens hebreus recebiam uma educação muito diferente da que Deus idealizava para eles.

Foi precisamente para fazer face a esta situação que Deus ordenou o estabelecimento das escolas dos profetas, a fim de serem um auxílio aos pais na obra da educação. «Estas escolas destinavam-se a servir como uma barreira contra a corrupção prevalecente, a fim de prover à necessidade intelectuais e espiritual da juventude, e promover a prosperidade da nação, dotando-a de homens habilitados para agir no temor de Deus como dirigentes e conselheiros.»<sup>5</sup>

Na sociedade secularizada e materialista dos nossos dias, em que uma gran-

de parte dos pais se demitiu da sua função educadora e em que a televisão, o vídeo e a música estão já a intoxicar os lares cristãos, as escolas da igreja, mais do que nunca, devem ser um poderoso aliado dos pais na tarefa que lhes foi atribuída por Deus. Cada vez se torna mais imprescindível a conjugação de esforços entre a família, a igreja e a escola. Os princípios, valores, crenças, ideais e atitudes que os pais procuram transmitir aos seus filhos no lar, têm de ser reforçados na igreja e na escola, a fim de que a sua educação não se processe de forma conflituosa. A imagem do banco de três pernas é bem elucidativa do trabalho de equipa que estas três instituições devem realizar. Quando uma das pernas falta, o equilíbrio é inevitável.

Desde o começo do movimento Adventista, Ellen White chamou a atenção para a necessidade de criar escolas, onde os jovens fossem preparados para o serviço de Deus e da Igreja. A importância que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem atribuído à educação cristã levou ao estabelecimento do maior sistema educativo religioso Protestante, só ultrapassado pelo da Igreja Católica. Também a nível da nossa União, os dirigentes da igreja têm procurado aproveitar as facilidades surgidas após 1974 para estabelecerem escolas de igreja. As seis escolas actuais são bem a prova desse empenhamento, pois o seu funcionamento tem exigido um louvável esforço financeiro da Igreja Adventista em Portugal. No entanto, quando constatamos que apenas 28% dos alunos inscritos nessas escolas são provenientes de lares adventistas, não podemos deixar de sentir uma profunda tristeza e preocupação. Estarão os pais adventistas a aproveitar devidamente os tempos de oportunidade que a nossa igreja está a viver em Portugal? Os sinais à nossa volta não deixam margem para dúvidas de que es-

tamos vivendo os últimos dias da história da Terra. Estaremos dando o devido valor à bênção inestimável que representa para a igreja a existência de escolas, onde as nossas crianças e jovens podem ser educados por professores preocupados com o desenvolvimento harmonioso das suas faculdades físicas, intelectuais e espirituais?

Os actuais dirigentes da Igreja Adventista a nível mundial também estão conscientes do valor da obra educativa. Num discurso proferido recentemente, o pastor Folkenberg, actual presidente da Conferência Geral, fez a seguinte afirmação: «O nosso sistema educativo tem sido uma das nossas melhores formas de evangelização. Uma escola Adventista do Sétimo Dia, de mãos unidas com uma família cheia do Espírito, é a melhor fortaleza do céu contra os ataques furiosos do maligno.»<sup>6</sup>

As escolas adventistas foram criadas com o propósito de apoiar os pais que, com abnegação, fé e oração, procuram cumprir o plano divino para a educação dos seus filhos. Possam todos os pais fiéis, no dia em que Jesus voltar a esta Terra, responder ao Seu chamado com as palavras: «Eis-me aqui, com os filhos que me deu o Senhor.»<sup>7</sup>

### Referências:

1. Salmo 127:3
2. Ellen G. White, *O Lar Adventista*, p. 268
3. Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 332
4. Ellen G. White, *Educação*, p. 34
5. *Ibid.*, p. 46
6. Carta escrita por R. Strasdownsky, Director do Departamento de Educação da Divisão Euro-Africana, em 15/11/91
7. Isaías 8:18

Gustavo Samuel Grave é professor no Colégio Adventista de Oliveira do Douro e director do Departamento de Educação da União Portuguesa.

# O Segundo Advento de Cristo ao Longo da História

«Quando eu me for e vos tiver preparado um lugar, virei novamente e vos levarei comigo, a fim de que, onde eu estiver, estejais vós também»  
(João 14:3, versão de *A Bíblia de Jerusalém*).

## Gênesis e Autor da Promessa do Segundo Advento

Se um habitante de outro planeta ouvisse falar da crença no Segundo Advento de Cristo, e quisesse saber como se enraizou em nós esta esperança, por certo que todos lhe apontaríamos as palavras do Seu Autor, Jesus Cristo: “Virei outra vez”. E logo lhe leríamos a Sua dissertação sobre o tema, a que Levi Mateus dedica um capítulo, consubstanciado nas seguintes palavras: “Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as tribos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem, vindo sobre nuvens do céu, com poder e grande glória” (Mat. 24:30).

Por certo, todos lhe lembraríamos também as palavras do apóstolo Pedro: “O Senhor não retarda a Sua promessa” (II Ped. 3:9), e referiríamos as palavras que os anjos dirigiram aos discípulos de Cristo por ocasião da Sua ascensão: “Esse Jesus, que de entre vós foi recebido em cima, há-de vir, assim, como para o céu O vistes ir” (Act. 1:11).

Também não esqueceríamos o ensino do apóstolo Paulo sobre a “bem-aventurada esperança”: “Porque o mesmo Senhor descera do céu, com alarido e voz de arcanjo, e com trombeta de Deus” (I Tess. 4:16), ou as do Revelador, que proclama assim a certeza da volta de Jesus: “Eis que vem que vem com as nuvens, e todo o olho

o verá”, terminando o livro do Apocalipse com uma prece: “Ora vem, Senhor Jesus!” (Apoc. 1:8; 22:20). Eis porque os discípulos se saudavam com expressão Maranata, que quer dizer: “O Senhor vem”.

## Promessa Anunciada e Profetizada no Velho Testamento

Mas o curioso, ao historiar a doutrina cristã do Segundo Advento, é constatar que esta esperança já era crida e propagada pelos patriarcas e profetas! Ficamos mesmo sensibilizados com a expressão de fé de Enoc: “Eis que é vindo o Senhor, com milhares de Seus santos” (Jud. 14). E com a fé de Job no seu “Redentor”: “Eu sei que o meu Redentor vive e que, por fim, Se levantará sobre a Terra, e, depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus. Vê-I’O-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, O verão” (Job 19:25-27). Isaías, o grande profeta messiânico, antecipa o coro que entoará um dia o povo que aguarda Jesus: “Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos. ... Na Sua salvação, gozaremos e nos alegraremos” (Isa. 25:9). Outros profetas, como Habacuc, Zacarias e Joel falam igualmente do “grande e terrível dia do Senhor” (Joel 2:31) e dos sinais que precederão a Sua vinda.

## Filósofos e Teólogos Exaltaram a Vinda de Cristo

Nietzsche, filósofo alemão pessimista, tinha sobre a vinda de Jesus uma ideia bastante clara e dizia que esta vinda “é a cúpula da abóbada da fé e da esperança cristã”. Dorner, outro filó-

sofo, salientava o valor dessa vinda, declarando que “não há nada mais importante para o cristão, depois do nascimento e morte de Cristo”. P. Vallo-ton escreveu mesmo que a vinda de Cristo “é a conclusão razoável da história”.<sup>1</sup> Citaremos ainda o desabafo de Berdiaeff: “O acontecimento supremo, que encerrará a história universal, é a segunda segunda vinda do Salvador”.<sup>2</sup>

Razão tinha o conhecido pregador Moody ao dizer que esta é uma verdade importantíssima para a igreja de Deus e que “o diabo não quer que vejamos esta verdade, pois nada mais desperta tanto a igreja”.

De facto, quando nos primeiros séculos os discípulos se saudavam com a palavra Maranata, isso denotava que a fé na vinda de Jesus fazia ainda vibrar as suas vidas. Na “didakê”, antigo documento cristão, há esta expressão de fé adventista: “Sabei a hora em que nosso Senhor virá... e todos os santos com Ele... sobre as nuvens do céu.”<sup>3</sup>

Clemente de Roma, que viveu no Século II, deixou este testemunho: “O Senhor virá a seu templo e o Santo que esperais.”<sup>4</sup>

No Século III, destaca-se Tertuliano que distingue os dois adventos, o segundo dos quais, “em majestade e divina manifestação”. Victorino de Petan, comentando o Apocalipse, escrevia: “Eis que vem com as nuvens e todo o olho o verá.” Lactâncio escreveu um livro em que dedicou um capítulo ao segundo advento de Jesus.

No Século IV, o historiador Eusébio de Cesareia fala das profecias acerca

da Segunda Vinda, que aguardam ser cumpridas. Cirilo, por seu lado, escreveu: “Nós aguardamos também a Sua segunda vinda, cremos n’Aquele que há-de vir em glória para julgar.”

No século V, S. Jerónimo, o tradutor das Escrituras para o Latim (Vulgata), escreveu também sobre o advento de Cristo “em glória”. No século VI, Gregório Magno afirmou: “Quando Cristo tiver aparecido no trono da Sua majestade, todos O verão igualmente.”

Vários Concílios expressaram fé no Advento. Sublinharia o da Contra-Reforma, o de Trento, em 1545-63, que declarou: “Desejamos com fervorosa ânsia o segundo dia do Senhor, aguardando a bem-aventurada esperança.” Mais parecia uma declaração adventista do Sétimo Dia! Mas tal como hoje, em relação ao credo, isso era mais sentido como uma declaração ritual!

### Movimentos Religiosos e Reformadores

Os Valdenses, Albigenses, Cátaros e Huguenotes são braços de um mesmo rio que fluiu por toda a Europa meridional. Apesar de perseguidos e maltratados, permaneceram firmes na bem-aventurada esperança da vinda do Senhor. Os Valdenses “acreditavam que o fim de todas coisas não estava muito distante”, e “acariciavam a mesma fé e esperança. Com outros proclamavam: O Senhor está prestes a vir do céu, nas nuvens e na glória do Pai.” Mais tarde, John Wycliffe (Séc. XIV), dirá que: “aguardava o aparecimento do Reden-

tor como a esperança da Igreja”. Perseguido, sucumbiu às mãos dos romanos e foi queimado vivo. Mas o seu testemunho chegou até à Boémia, onde Jerónimo e João Huss lhe seguiram as pisadas, morrendo do mesmo modo e pela mesma esperança.

### Reformadores Protestantes

A confissão de Augsburg declarou: “Ensinamos que nosso Senhor Jesus Cristo aparecerá no fim do mundo para ressuscitar e para julgar todos os mortos.” Lutero, que enfrentou o legado papal, deu testemunho da sua fé no Advento: “Convenço-me, em verdade, que o Dia do Juízo não está para além de 300 anos.” E noutro passo acrescenta: “Deus não quer, não pode suportar por mais tempo este este ímpio mundo. Aproxima-se o grande dia.”<sup>5</sup> Melâncton, colaborador de Lutero, confessou também: “Este velho mundo não está longe do seu fim.” Da mesma opinião era Calvino, reformador na Suíça e em França, que exortava os cristãos “a não hesitarem, desejando ardentemente o dia da Vinda de Cristo, como o mais auspicioso de todos os acontecimentos, em que o Senhor manifestará a glória do Seu reino.”<sup>6</sup>

Knox, reformador escocês, perguntava a si mesmo: “E não voltará Ele?” para logo responder: “Sabemos que Ele voltará e isso dentro em breve!”<sup>7</sup> Baxter, outro reformador, afirmava: Os pensamentos que se relacionam com a vinda do Senhor são dulcíssimos e mui-

gozosos para mim... Devemos amar o Seu aparecimento e aguardar a bem-aventurada esperança.” E por fim, também ele orava: “Apressa, Senhor, este bem-aventurado dia!”<sup>8</sup>

### Precursos do Adventismo

Provavelmente, o primeiro precursor do Advento, em relação ao ano de 1844, terá sido um desconhecido de nome Johann Petri, que foi pastor da Igreja Reformada alemã. Em 1768, descobriu pela primeira vez a relação entre o período dos 2.300 dias, e as setenta semanas, que têm início em conjunto. Outros estudiosos confirmaram este ponto de vista: Hans Wood, na Irlanda (1787), John Brown, na Inglaterra (1810), W. C. Davis, presbiteriano, nos Estados Unidos (1811) e, finalmente, William Miller, leigo baptista, no Estado de Nova Iorque (1918), também nos E. U.<sup>9</sup>

No Séc. XVIII, na Alemanha, Bengel, um ministro da Igreja Luterana, ainda antes de Miller, lançou as bases do adventismo no seu país. Ao meditar sobre o Apocalipse 21, foi iluminado quanto à vinda do Salvador e concluiu que esta teria lugar numa data próxima daquela calculada por Miller. Os seus livros originaram um movimento de fé no Advento, o qual se prolongou para além da sua morte, e se estendeu à Rússia meridional.

Luis Gaussen, pregador em Genebra, interessou-se pelas profecias de Daniel e pela História, e também ele, através do seu estudo, se convenceu de que o



fim do Mundo estava próximo. Para adverter o povo, organizou classes infantis de Bíblia. O seu plano resultou, pois com as crianças vieram centenas de adultos.<sup>10</sup>

Na Holanda, H. Heintzpetter, que foi zelador do museu real de Amsterdão, no princípio do Séc. XIX, após refletir sobre o Advento, teve um sonho, no qual viu a Segunda Vinda de Jesus, em glória, e falou desta Vinda aos seus amigos, tendo inclusivamente publicado um folheto sobre esse tema. Isto doze anos antes da pregação de Miller.

Emanuel Lacunza, padre jesuíta chileno, foi expulso do seu país e emigrou para Itália. Ali iniciou o estudo das profecias bíblicas e chegou à conclusão de que a volta de Jesus estava iminente. Escreveu então um livro que intitulou: *La Venida del Messias en Glória y Majestad*, sob o pseudónimo de Rabi Ben-Israel, para fugir à censura. Morreu sem ter visto o livro impresso, mas os seus discípulos publicaram-no em espanhol, italiano e inglês (1825).

Joseph Wolff, filho de um rabino judaico, na Alemanha, converteu-se ao Cristianismo nos princípios do Séc. XIX. Em Londres, assistiu a conferências sobre profecias e convenceu-se da proximidade da Vinda de Cristo. Proclamou-a do seguinte modo: “Jesus de Nazaré virá segunda vez nas nuvens do céu. Ele será rei sobre toda a terra. ... quando vier na glória de seu pai, e com todos os santos anjos.” Esta pregação, foi feita ainda antes de Miller ter iniciado a sua, mas já muito próximo desta, em data. Wolff pregou o Advento na Ásia, África e América. Na Pérsia, em Bucara, encontrou um povo remoto, crente no Advento. No Yemen, encontrou um livro (*Seera*) que falava da Vinda do Senhor em glória. Nos Estados Unidos, pregou o Advento no Congresso, perante congressistas e clérigos, e noutros Estados, a convite de governadores. Quase se cruzava com Miller.<sup>11</sup>

Na Escandinávia, houve um importante movimento de pregação do Advento, realizado por crianças, que o Espírito Santo usou para darem a seguinte mensagem: “Temei a Deus e dai-lhe glória, porque vinda é hora do Seu juízo.” Nas palavras de Ellen White, “Quando silenciou a voz dos Seus servos, pôs Ele o Seu Espírito sobre as crianças para que a obra pudesse cumprir-se.”<sup>12</sup>

## O Advento na Inglaterra

Destaque especial para Edwards Irving, um escocês. Após o estudo das profecias dedica-se à pregação do Advento. Foi no dia de Natal de 1825 que ele iniciou a sua caminhada adventista. De perto e de longe, vinham ouvi-lo. O clérigo Lews Way, que veio de Paris, pediu a um amigo para tomar notas das pregações de Irving, e, com admiração, ia constantando que coincidiam com o livro de Lacunza, que estava traduzindo. Um amigo de Irving, Henri Drumond, banqueiro inglês, patrocinou o movimento adventista, ao promover assembleias com uma vintena de pastores. Entre eles estava J. Wolff, que se converteria ao Advento.

Robert Winter, outro pregador, visitou os Estados Unidos em 1842, no auge da pregação do advento. Nesse mesmo Outono, ao regressar ao seu país, iniciou a sua pregação da volta do Senhor em glória. Andou por aldeias e vilas, distribuindo literatura, e milhares foram baptizados na fé do Advento. Outros mais pregaram o Advento de Cristo. Destacaremos dois: Horácio Bonar, autor de hinos cristãos, e George Miller, que fundou orfanatos pela fé. Um dia, não havia que comer, mas a sua fé era tão grande que mandou reunir as crianças para a oração. “Como, se não há que comer?” perguntaram elas. Ele insistiu: “Deus proverá”. E quando disseram *amen*, bateram à porta: “Pensámos que não tinham que comer; trazemos aqui estes alimentos.” Foi com homens como estes que o Advento ganhou adeptos.

Mourant Brock, escritor inglês, que também pregou o Advento, tendo iniciado essa sua actividade por volta do ano de 1826, deixou escrito que havia nesse tempo, 700 outros ministros que pregavam a mensagem do advento de Cristo, na Inglaterra.<sup>13</sup>

## Movimento Adventista na América

William Miller foi o grande protagonista do movimento do Advento na América. De simples fazendeiro, tornou-se um dos maiores pregadores do seu tempo. Tendo estudado as profecias de Daniel, por volta de 1818 chegou à conclusão de que os 2.300 dias-anos de Daniel 8:14 apontavam para a Vinda de Jesus em 1843/44. Em 1831 iniciou a sua pregação adventista e teve logo grande impacto, sobretudo após

a queda de estrelas, em 1833, que, como pregava, constituía um sinal do fim. Ellen White disse dele: “Muitos que não aceitaram as suas opiniões quanto ao tempo exacto do segundo Advento ficaram convencidos da certeza da proximidade da Vinda de Jesus e da sua necessidade de preparação.”<sup>14</sup>

Outros pastores aderiram à fé adventista e pregaram o Advento também através da escrita. Josias Litch publicou uma explicação sobre Apocalipse 9, que saiu na revista *Signs of the Times, and Expositor of Prophecy*, de 1 de Agosto de 1840.<sup>15</sup>

Mas em 1844, quando Cristo não veio na data esperada, houve um grande desapontamento entre todos os que aguardavam e pregavam o Seu Advento para aquela data. Todavia, e como sabemos, isso foi devido à incompreensão do lugar da vinda de Cristo. Nessa data, Jesus não vinha à Terra para purificá-la, mas entrava, sim, no Santuário celestial, e era isso o que a profecia indicava.

Os crentes no Advento dividiram-se então em três núcleos: Um, constituído por apoiantes de Miller, que continuaram a marcar datas: foram os “Adventistas Evangélicos”, que se extinguiram aos poucos. Um segundo grupo, cujos membros foram conhecidos como “Igreja Cristã Adventista”, eram observadores do domingo. A este grupo haveria de aderir, em 1868, Charles T. Russel, fundador das Testemunhas de Jeová. Aliou-se, em 1874, a N. H. Barbour, na teoria da “Parousia”, depois denominada “presença invisível”. Um terceiro grupo foi designado por “Adventistas do Sétimo Dia”, em virtude de observarem o Sábado.<sup>16</sup> A este grupo se uniram Joseph Bates, James White, Ellen Harmon, Hiran Edson, que teve a visão do santuário celestial, junto a um milharal, e outros. Organizados posteriormente como “Igreja Adventista do Sétimo Dia”, o Senhor concedeu a este povo o dom profético na pessoa de Ellen Golden [White]. E assim, guiados pelo Espírito do Senhor, estes crentes no Advento levaram a mensagem à América, Austrália, Europa, África e Ásia e continuam empenhados em cumprir o mandato de Jesus, através do actual programa evangélico de Missão Global.

Hoje, no nosso mundo, já ninguém pergunta: “Onde está a promessa da Sua Vinda?” Já ninguém ousa afirmar “que todas as coisas permanecem co-

mo desde o princípio da criação”. A ciência, em geral, e a ecologia, em particular, são disso um eloquente testemunho. Basta recordar a Eco 92, ou Cimeira da Terra, no Rio de Janeiro, e o diagnóstico do seu organizador resumido aos jornalistas nas seguintes expressões: “Tão doente que a Terra está!” “A Terra está cancerosa!”<sup>17</sup> Posto isto, já ninguém pode ter a promessa do Senhor “por tardia”, nem pode dizer: “O meu Senhor tarde virá”. “Porque sabemos que toda a criação geme” (Rom. 8:22), “a terra está contaminada por causa dos seus moradores” (Isa. 24:5), e que os céus e a terra “se guardam para o fogo, até o dia do juízo” (II Ped. 3:7).

A esperança da vinda do Senhor, que acalentou os Seus filhos ao longo dos séculos, é hoje uma realidade bem próxima. Temos de estar preparados para este tempo, “Porque ainda um pouquinho de tempo, e O que há-de vir virá, e não tardará” (Heb. 10:37).

Então, o povo de Deus, vindo dos quatro cantos da Terra, cantará em uníssono o cântico do profeta e aclamará a Jesus: “Eis o nosso Deus, a quem aguardávamos; em Sua salvação gozaremos e nos alegraremos” (Isa. 25:9).

Entretanto, junto com todos os que ouviram Jesus dizer «Eis que cedo venho», oremos: “Ora vem, Senhor Jesus. Amen!” Maranata!

## Bibliografia

1. Alfred Vaucher, *Histoire du Salut*, lição 77.
2. E. Ferreira, *O Senhor Vem*, Lisboa, Publicadora Atlântico, pp. 13, 14.
3. *Ibid.*
4. *Ibid.*, pp. 14 a 22.
5. E. G. White, *O Conflito dos Séculos*, Lisboa, Publicadora Atlântico, p. 223.
6. *SDA Bible Students Source Book*, p. 921.
7. E. G. White, *Op. Cit.*, pp. 223 e ss.
8. *Ibid.*
9. C. M. Maxwell, *História do Adventismo*, S. Paulo, Casa Publicadora Brasileira, p. 38.
10. E. G. White, *Op. Cit.*, pp. 268, 269.
11. Departamento de Educação da Conferência Geral, *História da Nossa Igreja*, São Paulo, Casa Publicadora Brasileira, p. 39.
12. E. G. White, *Op. Cit.*, p. 269.
13. *Ibid.*, p. 40.
14. *Ibid.*, p. 243.
15. *Ibid.*, p. 245.
16. Pedro Filipe, *Los Testigos de Jehova*, Estudo nº 1, Madrid, 1974, pp. 1145 e ss.
17. *Semanário O Jornal*, 5 de Junho de 1992.

Daniel Simões da Silva, pastor da igreja de Coimbra, além da sua formação teológica, é licenciado em História.

# Prosetilismo no Tempo Actual: um Desafio

## Até que ponto vivemos nós à espera do Senhor?

«O tempo é breve, e as nossas forças têm de ser organizadas para fazerem uma obra mais ampla.» — Ellen G. White, *Serviço Cristão*, 3ª ed., São Paulo, 1963, p. 72.

«Neste século, exactamente antes da segunda vinda de Cristo nas nuvens do Céu, tem de ser feita uma obra idêntica à de João. (...) A fim de dar uma mensagem tal como a de João, devemos possuir vida espiritual semelhante à sua.» — E. G. White, *Obreiros Evangélicos*, 4ª ed., São Paulo, 1969), p. 55.

Poder-nos-famos alongar muito mais, buscando citações sobre citações, que poderiam corroborar os parágrafos anteriores, mas para quê palavras, se a realidade está diante de todos nós?

A complexidade da época actual é fruto da complexidade de todos nós, seres humanos, que labutamos, pensamos, amamos e morremos. Ao pensarmos nas centenas de aglomerações, cidades, vilas, e até lugarejos, onde o nome de Deus ainda não penetrou, os nossos olhares viram-se expectantes para Cima.

Entretanto, à evolução dos tempos, não poderemos responder com o imobilismo do estilo, das ideias e, muito particularmente, dos processos.

Na brevidade do tempo, e na multiplicidade da tarefa, encontra-se todo um manancial em que, como povo inteligente, nos deveremos debruçar para a grande temática dos nossos tempos: o homem e o seu mundo. Disso fomos incumbidos!

Perante o esvaziar de conteúdo dos grandes princípios filosóficos do nosso tempo, o ser humano dos nossos dias interroga-se diante do vazio existencial que sente dentro de si. Busca um princípio que o possa harmonizar consigo mesmo. E neste campo prolífero que

um verdadeiro crente deve ter a resposta, não à guisa de quem tem respostas para tudo, mas como alguém que, na autêntica condição de ser humano, caminha firmemente ao encontro da solução final que se aproxima.

Alguns do nosso tempo chegaram a pensar que o povo de Deus não tinha devir histórico. Tem-no, mais do que nunca, pois após vinte séculos de experiências, eis-nos perante o término da grande controvérsia.

A ameaça crescente da contrafacção do cristianismo vai provocar a crise de consciência de cada um dos fiéis seguidores do dia do Senhor. Já não será apenas a crise das liberdades individuais, mas, sobretudo, a autêntica limitação do pensamento, efectuada através de movimentos castradores, que hoje, como ontem, tentam manipular as consciências. Neste aspecto profundo, dar testemunho de Jesus Cristo no mundo actual é de vital importância. A voz da «testemunha fiel e verdadeira» (Apocalipse 3:14) precisa de se fazer ouvir no meio da proliferação babilónica que a todos tenta assaltar.

Por vezes, perguntamo-nos como terminará todo este processo. Nesta hora tão sombria, de preocupações economicistas e vertentes tão secularizadas, será a rádio e a televisão que tudo farão? Serão os grandes evangelistas os fatores de tão grande entendimento? Onde estará, então, o papel do velhinho folheto? ou da inscrição num qualquer curso, por mais interessante que seja? Na realidade, e, após alguns anos de observação atenta, e, sem querer absolutizar a questão, parece-nos ser impossível evangelizar como quem faz «massificação» publicitária.

«Segue-Me» — é o grande grito a ser lançado em todos os quadrantes. Foi o mesmo grito que em tempos foi sussurrado à nossa alma. Por isso, no momento interrogante da História dos homens,

Manuel Garrido

verdadeira encruzilhada do tempo, importa que aqueles a quem foi confiado um sagrado depósito estejam, inteligentemente, à altura das responsabilidades.

Seguir a Jesus de Nazaré não é coisa sem significado. Há um verdadeiro rasto deixado por Ele; um estilo marcante de vida; um propósito para a existência. Segui-l'O é encontrarmo-nos conosco mesmo, nas nossas limitações, na nossa pequenez, mas, também, na necessidade intensa de um Deus amoroso e Salvador. «Encontraremos as Suas pegadas ao pé do leito dos doentes, nas choças da pobreza, nos apinhados becos das grandes cidades, e em qualquer lugar onde há corações humanos necessitados de consolação.» — *O Desejado de Todas as Nações*, Lisboa, p. 479.

Fomos então escolhidos para quê? Há cerca de 2.000 anos o Evangelho arrancou na beleza da simplicidade. O ser humano era o veículo e a razão de ser da Mensagem a apresentar. E, sem diminuir a importância dos meios tecnológicos na propagação da verdade bíblica, cremos que terminará por ser o homem/crente o seu melhor intérprete e pedagogo. Em muitos casos talvez a única Bíblia a ser lida por alguém...

— Seremos nós capazes de imaginar o poder que será capaz de transmitir a nossa dedicação, a nossa amabilidade, ou o nosso querer, fruto do nosso coração convertido?

— Por um acaso, já pensámos no que significa o nosso testemunho pessoal como elemento de pregação?

— «Se quereis que os vossos vizinhos saibam o que Cristo fará por eles, deixai-os ver o que Cristo tem feito por vós.» — Frank S. Mead.

Cada crente tem uma vocação própria, um sentimento muito seu, uma missão particular. Esta será uma exigência moral libertadora, pois ela fluirá como uma dádiva de coração a coração. A sua execução dependerá da nossa própria vivência pessoal.

Esta é a grande comissão evangélica a ser comunicada a todos os homens de boa vontade: «Ide» ... seguindo o rasto deixado por Jesus. A Palavra deve ser deixada e ouvida a seu tempo. Muitos esperam hoje por ela.

*Até que ponto vivemos nós a espera do Senhor?*

Como, e com verdadeira UNIÃO, «corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta.» (Hebreus 12:1)

*Manuel Garrido é pastor das igrejas de Castelo Branco, Atalaia e Fundão.*

Robert Folkenberg

Presidente da Conferência Geral

## Apertem o Cinto: Missão Global está em Marcha!

**A**viso: Sentem-se! Tenham calma! Apertem o cinto! A história que vão ler é quase inacreditável. Mas é verdadeira. Aconteceu apenas no ano passado, mas vai comover o vosso coração Adventista do Sétimo Dia, porque mostra como alguns irmãos nossos estão respondendo à ordem de Jesus, de ir e ensinar todas as nações, «baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (Mat. 28:19).

«Não vai acreditar no que lhe vou contar», dizia-me Aristides Gonzales, presidente da União Central-americana, aquando da minha visita àquele território, «mas acabamos de terminar a nossa cruzada evangelística Mega-Guatemala, que consistia em estabelecer 12 novas igrejas na cidade de Guatemala. O Senhor abençoou os esforços dos nossos evangelistas, pastores e laicos, e nós acabámos por conseguir 1530 novos membros e 14 novas congregações!»

A história de Mega-Guatemala quase nos deixa sem fôlego. O alvo parecia bastante tradicional: estabelecer 12 novas igrejas, cada uma com o seu lugar de culto próprio, e isto de Novembro de 1990 a Novembro de 1991. Mas os meios usados para alcançar este alvo é que são únicos, para não usar outra palavra! Vejamos:

\* Todos os pastores de toda a Missão da Guatemala (48.000 membros e 386 igrejas) deixaram os seus distritos durante *um ano inteiro* para irem para a capital, cidade de Guatemala, fazer evangelização. Quem ficou a tomar conta do trabalho dessas igrejas, durante esse ano, foram os anciãos locais, que em 1990 haviam sido treinados para levar a cabo essa responsabilidade.

\* Durante o ano de 1990, os obreiros construíram os «esqueletos» de 12 igrejas (paredes, solos e telhados), construções essas estrategicamente localizadas em áreas ainda por penetrar na cidade de Guatemala. Então, em 1991, come-

çaram a realizar campanhas de evangelização nesses edifícios. O plano era suscitar novos membros que, por sua vez, terminariam essas construções.

\* Todos os dirigentes e departamentais da União Central-americana, com os seus presidentes de Associação ou Missão, realizaram pelo menos uma campanha de evangelização. A totalidade do plano consistia num ciclo de 6 semanas de reuniões, seguido por um mês de pausa, e isto quatro vezes por ano.

### Resultados para além de toda a expectativa

Os resultados são de facto extraordinários! Foram baptizados 1.530 homens e mulheres, que agora se reúnem em 14 novos edifícios de igreja. Os nossos membros estavam tão motivados com o êxito de Mega-Guatemala que ultrapassaram o seu alvo, estabelecendo mais 2 igrejas do que o previsto.

E que aconteceu às igrejas fora da cidade de Guatemala, que ficaram um ano sem pastor? Tiveram problemas? Ficaram desorganizadas? Morreram? Zangaram-se e deixaram de dar os seus dízimos e ofertas?

Não! Elas prosperaram também. Os baptismos nessas igrejas totalizaram 5.163, isto é, *augmentaram* 30% mais do que no ano anterior e 15% mais do que o seu alvo para esse ano!

Quando eu leio um relatório destes, tudo o que posso dizer é: «Louvado seja o Senhor pelo Seu povo que está levando a sério a missão de evangelizar!»

Obviamente, o espírito de missão está bem vivo na Guatemala. E o nosso programa de **Missão Global** cativou as mentes dos nossos membros e arregimentou as energias da Igreja para estabelecerem comunidades vivas, centradas em Cristo, nos 2.313 segmentos populacionais de um milhão de pessoas onde não existe ainda uma presença Adventista do Sétimo Dia.

«Não se turbe o vosso coração: credes em Deus, crede, também, em mim.

Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. E, se eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vos também.» — João 14:1-3

Desde a Assembleia da Conferência Geral de Indianópolis, em 1990, já organizámos mais de 2.000 novas igrejas em todo o mundo. Já estabelecemos a Obra em 3 dos 31 países em que a Igreja ainda não está implantada. Mas restam ainda grandes desafios: na Europa de Leste, em que os muros foram derrubados; na China, onde existem mais de 1 bilhão de pessoas sem que haja um único Adventista do Sétimo Dia; na Índia, que em breve será a nação mais populosa da Terra; no mundo Islâmico, com 900 milhões de pessoas; nas democracias materialistas e de alta tecnologia do Ocidente, onde muitas vezes o povo acha que Deus é irrelevante.

Mas eu não estou desanimado. Sinto-me até muito encorajado, porque sei que o fogo da missão arde no coração dos Adventistas do Sétimo dia de todos os lugares.

O meu desejo sincero é que o espírito de missão aqueça os vossos corações. Apelo para que vos unais mais a Cristo no completamento da comissão que Ele nos deu, de levarmos o evangelho «a toda a nação, tribo, língua e povo» (Apoc. 14:6).

### Unamo-nos em Oração

Oremos todos por estes 2.313 grupos de mais de um milhão de pessoas em que a Mensagem Adventista ainda não penetrou, a fim de que o Espírito do Senhor toque nos corações desses milhões e os leve a responder afirmativamente, ao procurarmos alcançá-los por meio da rádio e da televisão, através da página impressa e do evangelismo, em grandes campanhas ou pelo contacto pessoal.

Mas o mais importante de tudo é que nos mantenhamos em íntima comunhão com o nosso Salvador. Conheçamo-’O como a um Amigo pessoal. Creiamos e confiemos n’Ele completamente. E permitamos que Ele nos use como parte essencial da Missão Global — no nosso lar, na nossa vizinhança, no nosso emprego.

A Missão Global diz respeito a cada um de nós e deve envolver-nos a todos no esforço de levar a outros o evangelho eterno.

